PIRASSUNUNGA 1904

OS APONTAMENTOS

Editora YOLBOOK

Israel Foguel

PIRASSUNUNGA 1904

OS APONTAMENTOS

4ª Edição

São Paulo
Edição do Autor
2023

Copyright by Israel Foguel
Editor Israel Foguel
Diagramação: Israel Foguel
Capa: **Vera Lúcia de Souza Foguel**

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional
Decreto nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

Dados para catalogação na publicação (CIP)

F656p Foguel, Israel, 1954 –

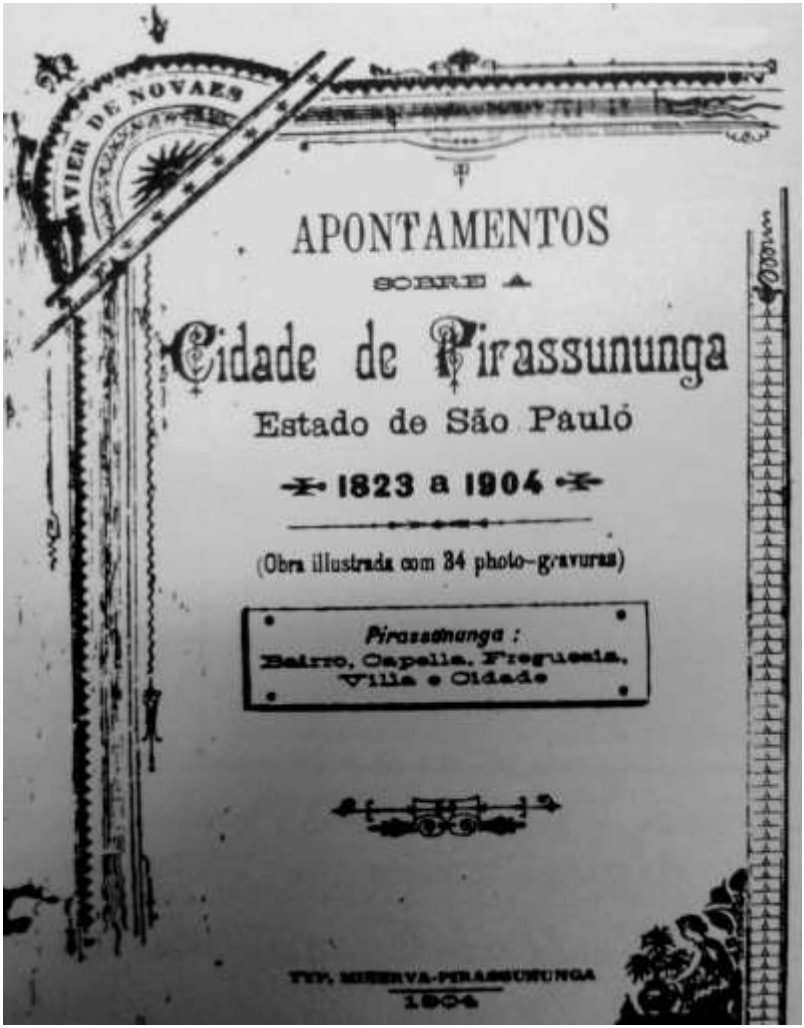
Pirassununga 1904: Os apontamentos, Israel Foguel – São Paulo: Editora Yolbook, 2023.
146 p.: 14,8 x 21cm il.

1. História. I.Título

CDD – 930.61 CDU – 981.61

Israel Foguel
Rua D. Pedro II, 1624 - Centro - Pirassununga – SP
(19) 3563.1942 – (19) 99745.4131
E-mail: israel.foguel@gmail.com

Capa do livro Apontamentos sobre a cidade de Pirassununga, de 1904, de autoria de Xavier de Novaes



INTRODUÇÃO

Em nossas pesquisas pela história da cidade de Pirassununga, encontramos alguns almanaques, apontamentos e livros que falam sobre a cidade de Pirassununga.

Em 1883 foi editado pela Editora Typographia do Rio Branco, de Pirassununga, o ***"Almanach de Pirassununga Para o Anno de 1884***", de autoria de José Peixoto da Motta Júnior. Este almanaque tinha 44 páginas. Em 1884 foi editado pelo próprio autor, o ***"Almanach de Pirassununga Para o Anno de 1885***", também de autoria de José Peixoto da Motta Júnior. Este almanaque tinha mais páginas, num total de 115.

Em 1939, a Agência de Difusão e Publicidade Ltda, do Rio de Janeiro, lançou o livro ***"Pirassununga",*** com 104 páginas.

No ano de 1904, a Editora Typographia Minerva de Pirassununga lançou o livro ***"Apontamentos Sobre a Cidade de Pirassununga,*** de autoria de Xavier de Novaes, pseudônimo do Capitão Faustino Ferreira de Albuquerque. O livro continha 143 páginas, e era ilustrado com 34 "photo-gravuras".

Em 1º de setembro de 1904, a pedido do autor, a Câmara Municipal de Pirassununga aprovou um crédito de Rs.3:300$000 para a publicação do livro ***"Apontamentos Sobre a Cidade de Pirassununga"*** que prestava informações sobre o município, sob os aspectos histórico, geográfico, comercial, agrícola, etc. Foi ilustrado com 34 fotografias da cidade, da cachoeira, de edifícios públicos, de políticos, etc. Na primeira parte, o autor faz um retrospecto da evolução político-administrativa e eclesiástica do lugar, que foi, nos primórdios, "Bairro Pirassununga", da Vila de Moji-Mirim, "Capella do

Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Pirassununga", do Termo da Villa da Constituição (Piracicaba), "Freguesia de Pirassununga", do Termo de Limeira, "Villa de Pirassununga", do Termo reunido com o de Belém do Descalvado e pertencente à Comarca de Araraquara e, finalmente, "Cidade de Pirassununga", assim elevada pela lei n. 20, de 31 de março de 1.879, tendo sido criada a Comarca pelo decreto n. 64, de 30 de junho de 1.890. Na segunda parte, o autor apresenta a "Atualidade", um quadro de Pirassununga de 1.904. Deste almanaque foram editados 1.000 exemplares. Foi impresso na Typographia Minerva - Pirassununga, que pertencia ao Capitão José Ferreira de Albuquerque, conhecido por "Juca Albuquerque", que era irmão do autor, Cap. Faustino Ferreira de Albuquerque (que usava o pseudônimo de Xavier de Novaes).

Mais como um documento para pesquisa escolar e histórica do ano de 1904 resolvemos colocar todos estes dados (em forma de Apontamentos - abandonando a forma clássica das sinopses estatísticas, sem maiores pretensões de rigidez técnica), neste segundo volume, intitulado "Pirassununga – 1904: Os Apontamentos".

Na verdade, o livro ***"Apontamento sobre a cidade de Pirassununga"***, de Xavier de Novaes é uma cópia das informações existentes nos livros "***Almanach de Pirassununga para o anno de 1884***" e "***Almanach de Pirassununga para o anno de 1885***", de autoria de José Peixoto da Motta Júnior. Para quem ler os livros "***Pirassununga***", do ano de 1939 e o livro de autoria do Prof., Manoel Pereira de Godoy, de 1975, vai notar que se tratam de um apanhado geral de todos estes livros acima mencionados.

Num terceiro volume falaremos sobre o livro ***"Pirassununga",*** editado em 1939, pela Agência de Difusão e Publicidade Ltda, do Rio de Janeiro, intitulado ***"Pirassununga 1939 – A Monografia".***

Esperamos que este livro não durma na poeira das estantes, mas sim que seja acessível e de interesse a todos os meios culturais!

AO LEITOR

Era meu desejo, dando a descrição histórica deste Município, vir remontando datas e citando fatos desde os seus primitivos tempos.

Infelizmente, não me foi isso possível; faltaram-me dados que me orientassem sobre o que se passou aqui então.

Nada, absolutamente, consegui saber, a não ser de 1823 a esta parte, e, isso mesmo, até certa época, muito laconicamente.

Todos nós sabemos que, naqueles tempos de pouca coisa se tomavam anotações, e essas mesmas eram em fragmentos de papéis ou em livros frágeis, que desapareciam com a maior facilidade.

O próprio livro do Tombo só nos começa a fornecer informações, de 16 de outubro de 1858 em diante, isto é, mais de 29 anos depois da provisão de 21 de novembro de 1828, que criou a Capela do Senhor Bom Jesus dos Aflitos de Pirassununga.

Não foram, por conseguinte, registrados os antigos documentos oficiais, nem os do tempo do Curado, nem qualquer outros a datarem da criação da Paróquia até o ano de 1858, de onde resulta que, na deficiência de notícias exatas, guiei-me por informações em sempre acordes, ou por meras conjecturas.

No entanto, para dar maior valor possível a este despretensioso trabalho, que não tem outro fim a não ser o de concorrer para que, fora daqui, a nossa cidade e o seu município sejam melhor conhecidos, sob diversos pontos de vista, não poupei esforços, recorrendo a todas as fontes oficiais que me podiam fornecer informações seguras.

Na Repartição de Estatísticas e Arquivo do Estado, nas Câmaras Municipais as quais já pertencemos, no livro do Tombo e em outros desta Paróquia, nos arquivos dos escrivães desta Comarca, etc., obtive os esclarecimentos que me serviram de base para a organização deste pequeno livro.

É me grato asseverar que encontrei sempre a melhor boa vontade da parte dos respectivos funcionários públicos e de nosso digno vigário, todas as vezes que a eles recorri em busca de informações; pelo que deixo aqui consignados, a todos, os meus agradecimentos, os quais estendem-se a todas as pessoas que, direta ou indiretamente coadjuvaram neste trabalho.

Ao leitor indulgente peço toda a condescendência sobre ele, tanto mais necessário quanto é certo que, ao seu autor, falta a precisa aptidão, e, mesmo porque, só o levou a isso o julgar que este trabalho poderá ter alguma utilidade, pelo menos, a de servir de incentivo àqueles que, com mais saber e proficiência, podem, emendando-o e ampliando-o, apresentar-nos um trabalho mais completo e sem defeitos.

A semente aí fica.

Pirassununga - 1904.

Xavier de Novaes

APONTAMENTOS
SOBRE A
Cidade de Pirassununga

Como se escreve a palavra
PIRASSUNUNGA

Começo a publicação deste meu trabalho, transcrevendo as opiniões de diversas pessoas versadas no assunto e que foram publicadas no jornal *Cidade de Campinas*, cuja discussão foi provocada pelo inteligente moço sr. Ricardo Azamor, que aqui residiu algum tempo. Embora da discussão havida não ficasse plenamente estabelecida a exata grafia da palavra em questão, todavia, é sempre

útil a publicação dessa discussão que, além da sua importância pelo conhecimento de usos e costumes brasileiros, ainda se refere a esta cidade.

Temos dupla razão de nos interessar pelo assunto, fazendo-o conhecido.

Segue-se a autorizada opinião do ilustre dr. Antonio de Toledo Pisa, digno diretor da Repartição de Estatística e do Arquivo do Estado:

"Estado de São Paulo – Repartição de Estatística e Arquivo. São Paulo, 28 de setembro de 1897. - Cidadão Ricardo Azamor. - Recebi o seu cartão postal e um número do jornal "Cidade de Campinas", tratando ambos da grafia da palavra "Pirassununga"; e, como sou nominalmente chamado a terreiro, aí vai o que sei a respeito:

Havia na língua indígena um som de "u" que não tem equivalente em português; é o "u" francês na frase "J'ai sû" - "eu tenho sabido".

A palavra deve ser escrita "Piraçununga". - Pira – cúnunga – peixe – ronca – peixe faz "bulha"; e como os portugueses não conheciam o som "û", alguns entendiam "i" e pronunciavam "Piracinunga, enquanto outros entendiam "u" e pronunciavam "Piraçununga". Ambas as formas são corretas, desde que não há em português o som do "û" dos indígenas. A substituição do "ç" (c com cedilha) por dois "ss" é que é corrupção, introduzida pelos portugueses na grafia da palavra "Piraçúnunga".

Outros exemplos: a cobra cascavel era chamada pelos indígenas "Boy-cinunga" ou "Boy-cûnunga", que equivale a "cobra que faz bulha" - "cobra que chocalha".

Há no rio Tiete, município do mesmo nome, um poço fundo, de água quase parada, muitíssimo abundante de um peixe chamado "mandi", que ronca quando é tirado da água pelo anzol, rede ou tarrafa; esse poço é ainda hoje chamado "Mandi-

çununga" - "Mandi ronca", e os tieteenses escrevem e pronunciam "Mandissununga", quando deveriam escrever "Mandicinunga" ou "Mandiçununga", para obedecer ao gênio da língua portuguesa que não tem o "û" indígena.

Há ainda outro exemplo de corrupção e de contração da palavra indígena: É "cassununga", "Caua" ou "Caba", quer dizer "Vespa", e "Çûnunga" equivale a "ronca"; a palavra, portanto, deveria ser "Cauaçûnunga" e foi contraída para "Caçununga", que, transformada em "Cassununga", quer dizer "Vespa que faz ruído" ou "vespa que zumbe".

A sílaba "ci" ou "çû" não pode, portanto, ser desligada de "nunga", porque é parte integrante desta última e juntas significam "roncar", "fazer bulha" ou "ruído".

O exemplo "Piracicaba" não serve neste caso porque esta palavra está muito corrompida. A primitiva grafia desta palavra deve ter sido "Pira uceca caba" contraída para "Pira-uce-caba" e corrompida para "Pira-cicaba", sendo "Pira" - peixe, "uceca" - chega e "caba" - sítio, e significando o "lugar até onde chega o peixe".

E até onde chegam os meus conhecimentos sobre a matéria, e o que fica dito traz a responsabilidade do Dr. Theodoro de Sampaio, que é uma das nossas autoridades sobre a grafia, origem e significação dos vocábulos indígenas.

Antonio de Toledo Pisa

Damos a palavra ao cidadão Francisco Conceição, emérito educador, residente nesta cidade:

"Piráçununga"
(Quisque sua arma incumberer)

Israel Foguel

Acedendo ao honroso convite do distinto poeta Ricardo Azamor, pedindo a minha opinião sobre a exata grafia do vocábulo "Pirassununga", em cujo assunto ainda os mestres não disseram a última palavra; não obstante a minha reconhecida incompetência, em matéria de filologia, o faço, sem esperança de que o meu trabalho adiante alguma coisa. Antes, porém, sejam-me permitidas algumas considerações gerais que não vem fora do termo.

Por ocasião da descoberta do continente sul-americano, verificou-se ser ele habitado por hordas, mais ou menos numerosas, nômadas, de uso e costumes diversos, falando diferentes dialetos, cuja origem perde-se além dos tempos históricos. Não se possuindo até o presente uma etnografia exata dos aborígenes do Brasil, as investigações que deles se tem tentado fazer fundam-se em hipóteses, tanto ou quanto possíveis, em conjecturas mais ou menos aceitáveis.

Os fragmentos de linguagem, vocabulário insuficiente que há servido de base às classificações dos primitivos povos americanos, sem nenhuma relação histórica com os homens civilizados, só poderá ser aceito enquanto um estudo mais apropriado não provar pelos caracteres físicos do indígena, a raça primitiva a que pertence.

Dos specimens históricos que dos tempos coloniais nos restam, conclui-se que a América era imensamente povoada por nações distintas, algumas belicosas, outras bárbaras, ou antropófagas – que se devoravam umas às outras, que raças inteiras desapareciam convertendo-se em pequenas tribos, sempre que perdiam o seu chefe, ou que famílias diversas se constituíam em novas tribos.

Couto de Magalhães, um dos homens que mais se hão dedicado ao estudo da história do nosso país, calculou a população indígena em um milhão de almas, dividida em duzentas

e oitenta tribos que, vivendo errantes, nunca souberam os limites dos seus domínios.

Abordando ao assunto de que ora nos preocupa, como poderemos determinar com precisão, a qual dessas tribos devemos a denominação das diversas localidades do Estado de São Paulo, que ainda conservam nomes indígenas?

De muitas dessas tribos de primitivos brasileiros, não há apontamentos que nos demonstrem que língua falavam.

D'Arbigny reuniu os "índios" brasileiros em uma só raça, denominando-a "Brazilio-Guarany", o que não pode ser aceito pelos traços fisionômicos das hordas isoladas, que não se parecem como membros da mesma família.

Na opinião de Vappaens, a maior parte dos "índios" que, pelo número e organização guerreira, havia adquirido certa supremacia sobre os outros, denomina-se "Tupinambá" (tubiba-ni-mbya), segundo Frei Vicente (Apia-b-été).

Com eles aprenderam os colonos paulistas a linguagem "tupi", algo dividida depois das missões dos jesuítas que, segundo constam, escreveram uma gramática (nós não a conhecemos), tornando-a, em suma, a língua usual.

Como língua geral (especialmente em território paulista), a "abanheenga" teve grande influência sobre a brasileira; muitos objetos naturais do país, como animais, plantas, montanhas, rios, etc., foram designados por palavras tupis.

Convém notar-se que a opinião citada não modifica a exposição seguida, porquanto uma voz autorizada em nossa história pátria, diz que na época do descobrimento do Brasil, a raça tupi já achava-se fragmentada em tribos, sendo a língua mais geralmente falada a dos tapuias.

Mas qual o grau de filiação histórica entre Tupis, Goitacazes e Tapuias, dispersos em território paulista?

Aos Goitacazes liga-se uma outra tribo, a dos Aimorés, também paulista.

A qual deles devemos as denominações das localidades que ainda conservam o seu primitivo nome, quando temos certeza, como já ficou dito, que cada tribo tinha o seu dialeto diferente?

Quem nos afirmará que, quando os Goitacazes levantaram o seu aldeamento nesta parte do Brasil, as localidades designadas por palavras indígenas não possuíam as denominações que ainda hoje conservam?

Dando, porém, a eles (Goitacazes, Tapuias e Aimorés) como um dos ramos da família Tupi, a autoria de muitos termos indígenas, usados, estudemos a natureza do vocábulo em questão.

É opinião que "pira" significa peixe, mas no grego "piratu", "peirão", o mesmo radical, tem significado diverso.

Ou será o indígena uma desfiguração do grego?

O Visconde de Beaurepaire Rohan, no seu vocabulário de termos brasileiros, pagina 113, dá "Pira", moléstia de pele conhecida no norte: "Pirá" (palavra aguda), nome genérico de peixe.

Esta opinião é confirmada por José Veríssimo, também autoridade na matéria.

Do que se conclui que o radical que deve ser aceito é "Pirá" e não "Pira" (grave) em obediência à etimologia.

Dos dialetos das tribos citadas, "ci" é uma forma diminutiva, ex.: "ci-pó", arbusto frágil, fino, e "çu", aumentativo, ex.: "taquara-çu", degenerado em taquara-uçú, por facilidade de fonologia.

A desinência "nunga" significa barulho, havendo opiniões, aliás competentes, de que "nunga" significa cachoeira, ronco, barulho.